

## 1. INTRODUÇÃO

Só há uma discussão hoje em dia acerca da economia global: a questão EUA-China. Apesar das sinalizações de que o maior acordo comercial da história pode sair até março, até lá serão várias ações e especulações e muitas incertezas.

A economia norte-americana segue aquecida, e nem mesmo a derrota nas eleições do congresso conseguiu reduzir a confiança na economia americana no curto prazo.

O momento econômico da América Latina acabou refletindo também na área rural: a pobreza rural voltou a crescer após 20 anos.

Diminuir a pobreza rural é crucial no combate ao tráfico de drogas, ao desmatamento e à mineração ilegal.

A economia brasileira segue com bons resultados, mas não consegue escapar dos elevados gastos governamentais e sair do período com déficit primário.

A frase de que Deus é brasileiro sempre parece fazer muito sentido, e o produtor de soja deve concordar com ela: uma convergência única de acontecimentos, como dólar em alta, quebra na Argentina e guerra comercial favoreceram bastante o produtor desse grão.

## 2. PANORAMA INTERNACIONAL

Um dos assuntos mais comentados foi o possível acordo entre EUA e China e como isso afetaria o agronegócio brasileiro. Na realidade, não há nada certo com esse acordo, havendo apenas uma trégua entre os dois países por 90 dias para que seja esboçado um acordo comercial.

Se o resultado dessa disputa é importante para o Brasil, pois a exportação de soja e outras commodities é importante para a balança comercial, ainda é muito cedo para fazer qualquer análise sobre isso.

O PIB americano está 2,4% superior ao do mesmo período no ano passado, levemente inferior aos 2,7% do trimestre anterior, mas ainda com bons números. Já a inflação, que poderia crescer com esse aquecimento da economia, deve ficar baixa com a queda do preço do petróleo.

Com essa inflação bem mais baixa, o FED pode manter a taxa de juros americana em 2,25%, sendo que era previsto por analistas que fecharia o ano em 2,5%. A manutenção dos juros americanos pode ajudar no crescimento do Brasil, visto que mantém a captação de recursos mais barata e ainda não pressiona a um aumento de juros no mercado brasileiro.

A taxa de desemprego americana se manteve estável, ficando em 3,7%, o menor patamar desde 1969. Os salários começam a crescer, sinalizando um superaquecimento da economia.

A Inglaterra segue como uma incógnita, pois a primeira-ministra Theresa May perdeu o apoio inclusive dos seus aliados na discussão

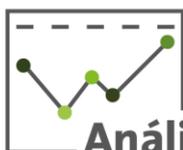
do Brexit, dada sua proposta em considerar uma posição ruim para o Reino Unido e favorável ao bloco Europeu.

O Banco Central Europeu fará anúncios importantes no dia 13 de dezembro, pois além da decisão sobre a taxa juros – que deve permanecer inalterada – deverá ser anunciado também se haverá algum substituto ao programa de compra de ativos europeus, que transformou dívidas bancárias provisionadas como em pagamentos duvidosos (Dívidas Podres) em moeda viva.

A China está crescendo menos do que o esperado, tendo a guerra comercial com os EUA aumentado bastante os preços das commodities no país asiático. Isso acaba causando um cenário em que a menor demanda americana pode gerar deflação, mas com as commodities custando mais aos chineses.

Outro ponto a ser destacado é a peste suína africana, que pelas características precárias da produção interna chinesa, tem seu combate prejudicado. Assim, a má notícia para os chineses pode sinalizar uma boa notícia para o exportador nacional de carne suína, que pode pegar parte desse mercado ou se aproveitar de um aumento de preços no mercado internacional para melhorar suas margens internamente.

O Banco da Reserva da Índia seguiu conservador e manteve a taxa de juros em 6,5%. Esse índice deve subir em 2019, pela pressão inflacionária, e isso vai fazer com que a demanda interna indiana seja arrefecida.



# Macroeconomia

NOVEMBRO DE 2018

A economia japonesa despencou no terceiro trimestre perante problemas de inundações, tufões e um terremoto, o que prejudicou as exportações e o turismo. Nesse período, a economia apresentou contração de 2,5% em relação ao mesmo período do ano passado.

O preço petróleo desvalorizou muito recentemente. No mês de analisado a queda do produto está em 20% graças aos aumentos nas reservas comerciais dos EUA. Se isso gera uma

redução no custo do agricultor, por outro lado é perigoso para o produtor de cana de açúcar, que vê seus ganhos reduzidos pelo baixo preço do combustível concorrente.

Os preços agrícolas caíram, com o índice da FAO caindo 0,9% em outubro, puxado por carnes e óleos. Para os cereais, no entanto, os preços estão subindo e acima dos valores do ano passado.

### 3. BRASIL

Segundo o Boletim Focus do dia 31 de novembro, o crescimento do PIB deve ficar em 1,32%, diminuindo 0,04% em relação ao boletim do início do mês. Isso foi causado pela previsão de um crescimento menor na atividade industrial.

O IBC-Br, que funciona como uma prévia do PIB, caiu 0,09% em setembro em comparação a agosto, na série com ajuste sazonal. Apesar disso, o terceiro trimestre mostrou crescimento de 1,74%, o que sinaliza que a economia segue em recuperação.

Voltando ao relatório Focus, a inflação esperada para 2018 ficou no mesmo nível, sendo prevista em 3,89%, caindo bastante em relação ao relatório do início do mês.

O Banco Central manteve as taxas de juros em 6,5% ao ano após a última reunião do Copom, citando que ainda há espaço para manter esse nível de juros, a despeito de haver citação de que ele poderia subir, registrada na ata da reunião passada. Provavelmente o resultado das eleições deve ter dado um fôlego para o atual nível de juros.

A Intenção de Consumo das Famílias, na pesquisa da Confederação Nacional do Comércio (CNC), aumentou 1,1% em novembro, na comparação mensal, crescendo pela expectativa para o natal e pela entrada do 13º, pois o que puxou esse índice foram consumo de curto prazo e perspectiva de consumo.

O preço das commodities, segundo o IC-Br, calculado pelo Banco Central caiu novamente, agora em 2,43% na comparação com outubro. Apesar disso, as commodities agrícolas tiveram aumento de 0,73%.

A balança comercial brasileira teve outro bom mês em novembro, com superávit de US\$4 bilhões, com um aumento de 40,1% na exportação de produtos básicos.

O dólar iniciou outubro cotado a R\$ 3,69 e fechou o mês em R\$ 3,86. Questão fiscal brasileira ainda não é a idealizada pelos agentes de mercado, fato que não colaborou para a suspensão da fuga de capitais. Cabe lembrar que o equilíbrio fiscal brasileiro é visto como ponto fundamental para a retomada da saúde financeira nacional.

Sobre as mudanças na política agropecuária do Brasil, houve a escolha da nova ministra da pasta de Agricultura, que será a deputada federal e engenheira agrônoma Tereza Cristina, do DEM-MS. Ela é presidente da Frente Parlamentar Agropecuária, grupo de interesse acerca do tema nas duas casas legislativas.

Dois pontos em que ela já vem trabalhando e que devem ser fortalecidos em sua administração se baseiam nas questões de agrotóxicos e de licenciamento ambiental. Em ambos os casos, as propostas da então deputada foram no sentido de acelerar a aprovação de agrotóxicos e de facilitar a obtenção de uma licença ambiental.

Outro ponto que deve unir presidente e a ministra ainda mais se refere ao Mercosul, pois ela considera que ele é muito desigual na questão agrícola, principalmente pela entrada de leite e arroz de nossos vizinhos.

A China, como grande parceira comercial, é vista como um mercado prioritário para o Brasil pela nova ministra. Ela destaca a importância também de vários mercados asiáticos.